

# A CERTEZA DA MORTE: UM CASO DE NECROFILIA

2017

**Yan de Jesus Lopes**

Psicólogo em formação. Graduando em Psicologia pela Faculdade Unificadas de Teófilo Otoni (FUTO). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Psicanálise e do Núcleo de Estudos sobre Direitos, Ética e Sexualidades (Brasil)

E-mail de contato:

[yanlopes33@hotmail.com](mailto:yanlopes33@hotmail.com)

---

## RESUMO

A partir deste estudo visamos uma breve discussão sobre ao caso “Preto do Amaral”, historiado pela especialista em crimes Ilana Casoy, um caso de necrofilia e pederastia no Brasil digno de investigações ao que tange as dimensões psicológicas. A pesquisa se articula sob a compilação de dados do caso Amaral, seguido por uma breve articulação aos conceitos e visões das clínicas psicológicas. Articulado ao viés descritivo e dedutivo às possibilidades possíveis para uma compreensão psicológica que não se esgota, mas por um viés científico, possibilita uma visão sustentada por pressupostos científicos, que contribuem para explicações aos fenômenos humanos.

**Palavras-chave:** Necrofilia, pederastia, perversão sexual, Preto do Amaral.

Copyright © 2018.

This work is licensed under the Creative Commons Attribution International License 4.0.

<https://creativecommons.org/licenses/by-nc-nd/4.0/>



## INTRODUÇÃO

Visamos a partir da psicologia e da psicanálise promover uma breve discussão sobre a necrofilia de “Preto do Amaral”, considerado a fins antropológicos, como, o primeiro serial killer brasileiro. Pois, a partir deste artigo, buscamos trabalhar um caso de necrofilia de eixo pederasta presente na história do Brasil, demonstrar as dimensões clínicas e conceituais que se atrelam ao fenômeno da necrofilia.

Não buscamos discutir uma verdade sobre Amaral e seus fatores biopsicossociais, más, discutir apontamentos clínicos, hipóteses que não se reduzem a uma verdade, muito menos se limitam em compreender o ser humano em sua plenitude. Dessa forma, buscamos levantar inferências sobre uma clínica pouco discutida, e considerada um pouco rara sua manifestação em comparação a outras parafilias em contextos clínicos, o que seria um equívoco tal pensamento, ao qual, se faz relevante seu estudo, a fim de possibilitar articulações teóricas, sustentadas por uma compreensão dentro das possibilidades científicas.

Não visamos uma análise determinista sobre o caso, más, possibilitamos através do mesmo, uma possibilidade, uma hipótese clínica que não se delimita a uma verdade absoluta, muito menos se esgota, más, como uma visão singular ao fenômeno apresentado, a partir das determinações das informações obtidas para construção do discurso analítico sobre o caso, a possibilidade de articular teorias que possibilita a compreensão do mesmo.

Embora haja um espectro do comportamento necrófilo, como veremos mais adiante, nos ateremos somente ao discurso da necrofilia propriamente dita ou como menciona Dias (2016) a *necrofilia verdadeira*, dentro do discurso histórico do caso Amaral.

As dimensões das compreensões clínicas são vastas, falar de uma verdade que não se quantifica se faz impossível dentro do ambiente clínico. Pensar o ser humano em suas funcionalidades através das manifestações inconscientes se demonstram grandes trabalhos pautados em investigações exaustivas para compreender o incompreensível.

## MÉTODO

A pesquisa se baseia por uma metodologia qualitativa, a partir da compilação de caso. Temos como sujeito principal do estudo José Augusto do Amaral, conhecido na história brasileira como Preto do Amaral utilizado para o estudo através do livro “*Serial Killers: Made in Brazil*” da

escritora e especialista em crimes Ilana Casoy, sem descrições técnicas e teóricas pautadas nas ciências psicológicas, possibilitando através da pesquisa qualitativa o trabalho descritivo que “visa descrever as características de determinada população ou fenômeno, ou o estabelecimento de relações” (KAUARK; MANHÃE; MEDEIROS, 2010, p.28) e um tratamento dedutivo “como aquele que possibilitaria a aquisição do conhecimento através da elaboração lógica de hipóteses e da busca de sua confirmação ou negação” (KAUARK; MANHÃE; MEDEIROS, 2010, p.21) dos dados para formulações possíveis a luz da psicanálise. Como também a utilização de livros, dicionários e manuais que possibilitam a construção teórica para discussão, como também pressupostos e bases teóricas que possibilitam as construções de análise dentro do discurso psicanalítico e psicológico.

## **A NECROFILIA E A PEDERASTIA**

A etimologia da palavra necrofilia, deriva de “νεκρός [nekrós], “morto”, “cadáver”, e φιλία [filía], “amor”” (DIAS, 2016, p.212), um amor destinado ou investimento libidinal aos mortos. Segundo Dias (2016), tal conceito, surge aparentemente pela primeira vez na década de 50 em *Leçons orales sur les Phrénopathies* com o reformador clínico, alienista belga Joseph Guislain (1797-1860).

A necrofilia consiste na excitação e obtenção de prazer por cadáveres. Definida por Sadock (2017), como determinada obsessão a uma gratificação sexual com pessoas mortas. Entretanto, Dias (2016) define alguns tipos de necrofilia, sendo elas: “a necrofilia dita *verdadeira*, na qual são mantidas relações sexuais com mortos; a necrofilia *homicida*, em que há assassinato com objetivos sexuais premeditados; e a necrofilia *fantasiada*, que diz respeito a fantasias sobre atos sexuais com mortos” (p.212).

Ao longo da história, em determinadas regiões e culturas mais antigas, era obtido à prática da necrofilia como um determinado meio de se comunicar com os mortos no mundo físico e espiritual, enquanto algumas outras tinham esta prática como determinada tentativa de proporcionar um renascimento dos seus entes recém-partidos (DIAS, 2016).

São geralmente diagnosticados com determinado grau profundo de baixa autoestima, aos quais, os mesmos, buscam trabalhar funções que possam trazer certa acessibilidade aos corpos dos mortos de forma mais fácil, trazendo uma das formas mais comuns a esta prática, sendo, a posse de um parceiro que não venha a resistir nem que o rejeite (DIAS, 2016).

Alguns que possuem tal parafilia muitas vezes buscam empregos em IML's, casas funerárias, na medicina, e em meios alternativos que possa por seu desejo em prática. “A maioria das pessoas

com esse transtorno encontra cadáveres em necrotérios, mas algumas são conhecidas por roubarem sepulturas ou até mesmo matarem para satisfazer seus impulsos sexuais” (SADOCK, 2017, p.597).

Para satisfação sexual, sem as transgressões com a lei, “há homens que contratam prostitutas para se fazerem de morta, inclusive tomando um banho gelado prévio, e deitando-se num caixão mortuário para a prática do ato sexual” (RODRIGUES JUNIOR, 2012, p.67).

Enquanto a pederastia “oriunda do grego “Paiderastia”, que é a junção de outras duas expressões gregas – paîs (“criança”) e erân (“amar”)” (SOUSA, 2008, p.18) se articulam com a pedofilia, sob o profundo interesse por crianças, só que, o que diferencia ambos os conceitos, é que, na pederastia, o interesse ao objeto sexual, se dá por meio a redução e limitação do interesse a crianças do sexo masculino.

De tal forma, a necrofilia pederasta, se articula sobre dois conceitos que se entrelaça sobre um eixo entre o objeto e a finalidade, logo o eixo pederasta pelo interesse de crianças do sexo masculino possibilita a finalidade necrófila da ação, possibilitando a necrofilia pederasta, definindo-se pelo interesse sexual por cadáveres de crianças do sexo masculino.

## **O CASO “PRETO DO AMARAL”**

Conhecido como Preto do Amaral, “José Augusto do Amaral, nascido em 15 de agosto de 1871, era natural de Conquista, Minas Gerais” (CASOY, 2014, p.35), era brasileiro, analfabeto e inteligente, possuía talentos musicais e boa memória. Voluntariou-se na Força Pública da São Paulo, e foi desertado em todos os corpos militares em que serviu, se alistou na Marinha, mas abandonou logo em seguida. Trabalhava como ferreiro, cozinheiro e exercia atividades de exploração em jogos de cartas. Em 13 de Fevereiro de 1926, Preto do Amaral leva um garoto de 9 anos para um local isolado e sem iluminação, onde o estrangula e o faz desmaiar, ao achar que o rapaz estava morto, leva-o para debaixo da ponte, rasga as roupas do rapaz com intenções de abusá-lo, mas um carro se aproxima e o mesmo tem sua tentativa frustrada. Um tempo depois, a criança acorda e recebe ajuda. Convicto de que havia matado a criança, Amaral volta no dia posterior em busca do cadáver para se satisfazer sexualmente. Em 5 de Dezembro de 1926, novamente Amaral ataca uma nova vítima, dessa vez, oferece comida a um rapaz de 27 anos (aparentava-se bem jovem, corpo esguio e afeminado) com dificuldades financeiras, o mesmo ganha sua confiança, o leva para um local deserto onde o espanca e o estrangula, levando o rapaz a obtido. Desta vez, o mesmo certifica-se que o rapaz está morto e o violenta sexualmente após a certeza de sua morte, fugindo do local logo em seguida. Na véspera de Natal de 1926, Amaral ataca um garoto de 12 anos de idade. O mesmo se depara com a criança indo para igreja, o mesmo vendia balões, e ofereceu a criança um balão como presente. Vendo que a criança também tinha um estilingue, o

convida para ir à mata com muitos passarinhos, o menino aceita e segue com Amaral até o local, onde o estrangula e após o homicídio violenta sexualmente a criança. No Ano Novo, primeiro de Janeiro de 1927, Amaral avista um rapaz de 15 anos e o convida para um almoço, ao qual aceitou. Amaral oferece dinheiro para que o jovem o acompanhasse em determinado bairro, pelo bairro ser familiar ao jovem o mesmo aceita, afastando-se dos lugares de movimento, Amaral o estrangula com as mãos, e logo após ter desmaiado o enforca com seu cinto, após a morte do rapaz, tira suas calças, rasga sua camisa e abusa sexualmente de seu cadáver, fugindo de lá logo após o ato. Logo após este crime começara as investigações atrás de um homem negro, pederasta e que sodomizava suas vítimas. Preto do Amaral foi preso pelo assassinato do jovem de 15 anos, e logo depois confessa os demais assassinatos. Segundo Amaral, os atos eram somente consumados após a certeza da morte das vítimas. As declarações do algoz foram relatadas como frias, sem emoções e com naturalidade. O mesmo se diz se sentir melhor após a confissão. Durante as acusações três vítimas de 9, 13 e 16 anos de idade que conseguiram fugir, compareceram a delegacia e reconheceu o agressor, más, Amaral não as reconhecem, nem se lembra de tê-las abordado. Os exames psiquiátricos o descreveram como criminoso sádico, necrófilo e pederasta. Em exames físicos, foi observado um tamanho descomunal do seu órgão genital, ao qual o mesmo atribuía a uma simpatia que fizera quando adolescente, segundo o mesmo, as prostitutas ao qual se relacionou, nunca o atendia uma segunda vez. Segundo Amaral, o mesmo passa a ter alucinações após seu primeiro crime que veio a cometer. Nunca demonstrou sinais de arrependimento, más, o mesmo fala sobre ser atormentado pelos fantasmas de suas vítimas. Não se sabe se houve crimes anteriores em outras cidades ou estados em que morou, e foi constado histórico de três prisões por vadiagem. O mesmo se apresenta como impulsivo, nunca pensando em suas ações e consequências das mesmas e não achava que seus comportamentos fossem anormais. Amaral foi preso e faleceu de tuberculose pulmonar aos 55 anos em Julho de 1927 antes de seu julgamento (CASOY, 2014).

## DISCUSSÃO

Preto do Amaral como conhecido no caso apresenta comportamentos de desorganização sexual, apresentando comportamento de preferência sexual de pederastia caracterizado pelo profundo interesse sexual por sujeitos menores do sexo masculino, ato vilipendioso de necrofilia, ao qual, só se consumava o ato sexual após a certeza da morte de sua vítima, sadismo sexual, onde sua vítima passava por constantes agressões anteriores à morte, asfixia sexual ao privar a vítima de oxigênio levando-o a desmaios ou a morte.

Supõe-se que Amaral possuía Transtorno da Personalidade Borderline, devida instabilidade, impulsividade, hiperestesia das perversões sexuais, alucinações sem perda do contato com a

realidade, manipulação de suas vítimas, práticas exploratórias em jogos de azar, atividades que visavam restaurar a perda de sua autoestima, fragilidade em seu ego, etc.

O padrão de comportamento em seus homicídios são restritos a ação e motivação sexual, caracterizando como assinatura dos seus crimes o enforcamento, a anatomia e idade da vítima, a morte da vítima para o ato sexual vilipendioso e o local do crime.

Amaral apresentava indícios de graves afetações sobre sua autoestima, ao qual, aparentemente se apresenta como fragilizada. Pois, os relatos mencionam sua frustração em atividades sexuais, aos quais os médicos se referem nos relatórios, como o mesmo possuindo um pênis descomunal, o que possivelmente afetaria sua autoestima e o frustrasse, pois, nem mesmo as prostitutas relacionavam-se sexualmente com o mesmo, devido o tamanho do seu pênis.

Inferre-se a crença, através das informações do caso, que Amaral havia desenvolvido tais comportamentos sexuais, devido tamanho desproporcional de seu pênis, sendo que o mesmo seria rejeitado pelo tamanho do órgão, matando suas vítimas, o mesmo poderia realizar toda a prática de penetração evitando-se frustrações durante o sexo, ao qual segundo relatos do caso, nenhuma mulher da vida tinha relações sexuais com Amaral mais de uma vez. Demonstrando que, uma das formas possíveis de contribuição aos seus desejos necrofílicos partisse dessa frustração com seu pênis, que provocava problemas para se ter relações com pessoas vivas. Desta forma, Rodrigues Junior (2012), salienta que:

uma das explicações fornecidas por necrófilos para o interesse por sexo com cadáveres é que eles nunca reclamam, mas isto também é um problema, pois o necrófilo não saberá, pelo cadáver, se está sendo muito “rude” ou pesando sobre ele de forma a poder quebra-lo. Eles sentem que podem manipular o corpo como queiram (p.69).

Amaral cometia seus crimes de vilipêndio, sob a certeza da morte de sua vítima, pois, desta forma, não seria frustrado em suas investidas sexuais, tão pouco encontraria dificuldades para aceita-lo como parceiro sexual, evitando o desprazer de ferir seu narcisismo. Possibilitando a escolha inconsciente pelo objeto de satisfação infantil, que possibilitará à pulsão a satisfação almejada pelo sujeito, que evitará sua frustração, pois, atribui-se ao objeto da pulsão:

“a coisa na qual ou por meio da qual a pulsão pode alcançar a sua satisfação” (FREUD, 1915a, p. 2042), e atribuiu-lhe uma característica fundamental: a variabilidade ou contingência, sendo a fixação o seu oposto. O objeto é o elemento mais variável da pulsão; não se acha ligado originalmente a ela, mas sim a ela subordinado à medida que serve à busca de satisfação (GURFINKEL, 2011, p.201).

Tal ato provoca em Amaral, possivelmente uma sensação de potência, ou de realização das pulsões sexuais sob a vulnerabilidade de suas vítimas. Pois, a possibilidade de prazer seria facilmente possibilitada sem frustrações que o tirassem da posição ativa e potente na relação sexual, o cadáver em si, lhe proporcionava o poder fálico que lhe era negado, e suas escolhas por crianças, reafirmava sua necessidade infantil de quando se era potente frente ao outro. De tal forma que, para se satisfazer e evitar a angústia, suas pulsões determinariam um alvo necrofílico para satisfação e sensação de potência. Assim:

O “alvo” (ou “meta”) da pulsão é, antes de tudo, a satisfação; esta é alcançada pela supressão da estimulação originada na fonte. Nesse sentido, o alvo da pulsão nada mais é do que realizar o mandato do princípio do prazer. Mas, ao mesmo tempo, Freud define o alvo como os diversos caminhos que conduzem a este fim mais geral: assim, todas as pulsões têm em comum um alvo mais geral, que é a satisfação, e um alvo específico que as caracteriza. Nesse sentido específico, o alvo sexual é “o ato ao qual a pulsão impulsiona” (FREUD, 1905, p.1172). Se o objetivo mais geral desse ato é obter satisfação, ele tem em cada caso uma maneira própria de fazê-lo, meios que seguem determinados padrões que se repetem, e estes padrões constituem o alvo no seu sentido específico. A diversidade de alvos que caracterizam as várias pulsões está por vezes ligada à fonte ou à zona erógena em questão (alvo oral, anal, genital) ou mais ligada à relação com o objeto (alvo masoquista, exibicionista). (GURFINKEL, 2011, p.199-200)

As pulsões trabalham de forma a atingir a satisfação, de tal forma que, em Amaral, possuía uma finalidade de reestabelecer-se da baixa autoestima frente à impotência fálica em suas relações frustradas com pessoas vivas, a mesma se apresenta como uma pressão ao reestabelecimento de si, através da pulsão de morte em seu caráter conservador da vida psíquica, pois:

A “pressão” é a quantidade de exigência de trabalho própria da pulsão. É marca geral da pulsão ter um caráter ativo, de impulso, uma força constante que exige trabalho psíquico, pois a pulsão é, no final das contas, o próprio motor do psiquismo, a força constante que o mantém funcionando (GURFINKEL, 2011, p.198).

Entretanto, vale ressaltar a não tomada da vítima como um fetiche para o necrófilo, pois, assim como salienta “Bleichmar (1984), o fetiche é uma presença que substitui uma ausência, significando, portanto, a realização de um desejo, que não coincide, entretanto, com uma alucinação do falo, como ocorre na experiência psicótica da alucinação de desejos” (FERRAZ, 2010, p.46).

Após seu primeiro crime, Amaral relata suas alucinações com os “fantasmas” de suas vítimas, ao qual Porchat (2005) salienta que, a “alucinação apresenta desejos como satisfeitos e traz consigo

a crença na realidade” (p.43), como uma profunda reatualização inconsciente da satisfação pulsional frente seu objeto no real. Da mesma forma que, é presente nos necrófilos, dado grau de psicose, pois, assim como em estudos feitos por “Richard von Krafft-Ebing, o diagnóstico de psicose é, sob todas as circunstâncias, justificado” (SADOCK, 2017, p.597).

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

Uma das possíveis explicações mais diretas sobre a necrofilia de eixo pederasta, se dá a partir da compreensão do posicionamento do sujeito frente a forclusão da inscrição do significante Nome-do-pai em seu psiquismo, quando o compreendemos como sujeitos de organização psicótica como destacam alguns autores. Pois, a forclusão, proporciona um posicionamento alheio as determinações simbólicas que recairia como lei para o sujeito, possibilitando seu inconsciente no real, ao qual, uma sexualidade infantil e polimorfa se voltaria aos atos de necrofilia e pederastia, ao qual, se manifestaria de forma a reestabelecer em Amaral sua potência fálica.

Compreende-se que em fase maníaca do transtorno parafílico o sujeito que possui uma ou mais variações sexuais poderão apresentar riscos a outros, de tal forma que, para extrair o prazer necessário para sua satisfação e gozo o mesmo possa vir a cometer crimes de atentado a vida humana para fins sexuais como em alguns casos de necrofilia.



## REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CASOY, I. (2014). *Serial Killers: Made in Brazil*. Rio de Janeiro: DarkSide Books.

DIAS, A.L. (2016). *Desmantelando o monstro: O necrófilo de Gabrielle Wittkop*. Universidade Federal de Santa Catarina.

FERRAZ, F.C. (2010). *Perversão*. 5ª ed. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

GURFINKEL, D. (2011). *Adicções: Paixões e vícios*. 1ª ed. Coleção Clínica Psicanalítica. São Paulo: Casa do Psicólogo.

KAUARK, F.S.; MANHÃES, F.C.; MEDEIROS, C.H. (2010). *Metodologia da pesquisa: um guia prático*. Itabuna: Via Litterarum.

MOSCATELLO, R. (2010). *Necrofilia: Uma rara parafilia*. Revista Brasileira de Psiquiatria. vol 32. nº 3.

PORCHAT, P. (2005). *Freud e o teste de realidade*. 1ª ed. Casa do Psicólogo.

RODRIGUES JUNIOR, O.M. (2012). *Parafilias. Das Perversões às Variações Sexuais*. São Paulo: Zagodoni.

ROUDINESCO, E. & PLON, M. (1998). *Dicionário de Psicanálise*. Rio de Janeiro. Zahar.

SADOCK, B.J. (2017). *Compêndio de Psiquiatria: Ciência do Comportamento e Psiquiatria Clínica*. 11ª ed. Porto Alegre: Artmed.

SOUSA, L.N. (2008). *A pederastia em Atenas no período clássico: Relendo as obras de Platão e Aristóteles*. Dissertação de Mestrado. Universidade Federal de Goiás. Faculdade de Ciências Humanas e Filosofia. Goiânia.